

MACHISMO E SEXISMO EM CANÇÕES INFANTIS: REFLETINDO QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Eixo Temático 30 - Práticas Corporais: Diálogos com Gênero, Corpo e Sexualidade

Fernanda dos Santos Meyer¹
Tiago Leal Nizoli²
Eliane Regina Crestani Tortola³

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar canções infantis, buscando identificar como os corpos das crianças são objetivados nessa materialidade discursiva. Com base nos estudos discursivos foucaultianos, mobilizamos o conceito de dispositivo e posição-sujeito como ferramentas de análise das canções “O cravo brigou com a Rosa”, “Minhoca” e “Pombinha Branca”. As análises indicam que o discurso que emerge dessas canções aponta para a objetificação do corpo das crianças atravessado pelo dispositivo machista, além do dispositivo de branqueamento e de aliança, reproduzindo demarcações binárias de gênero, notadamente machistas e sexista. Ressaltamos a importância da reflexão das atividades que desenvolvemos com as crianças, especialmente aquelas que envolvem o recurso musical.

Palavras-chave: Criança; Corpo; Música; Sexismo; Discurso.

INTRODUÇÃO

Nesse estudo⁴, de natureza bibliográfico-documental, do tipo descritiva, buscamos analisar o discurso presente em canções infantis, com vistas a identificar a objetivação do corpo de crianças e refletir acerca do uso de músicas em aulas de

¹ Docente da Educação Básica do município de São Lourenço-RS. Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, fernandameyerheres@gmail.com.

² Docente da Educação Básica do município de Pelotas-RS, Especialista em Educação Física Escolar da Universidade Federal de Pelotas- UFPEL, thilealnizoli@hotmail.com.

³ Professora orientadora: Doutora, Setor Litoral - Câmara de Educação Física – UFPR, elianetortola@ufpr.br.

⁴ Esta pesquisa é um recorte de monografia de especialização em educação física escolar ESEF/UFPEL/UAB, intitulada “A objetificação do corpo de crianças em canções infantis”.

educação física no contexto escolar. Para isso, recorreremos aos estudos discursivos foucaultianos, campo de pesquisas discursivas da linguagem que se aporta na perspectiva arqueogenealógica de Michel Foucault (NAVARRO, 2020).

A percepção de que algumas músicas utilizadas por docentes em suas aulas produzem discursos que necessitam de um olhar atento e de análise nos moveu para esse estudo, de modo a possibilitar a compreensão de que, além da melodia, a música proposta carrega uma mensagem que pode impactar na forma como as crianças percebem seus corpos, sua realidade e formam concepções sobre si mesmas, ddo/a outro/a e do mundo.

Aqui nos preocupamos em pensar as canções infantis como materialidade de análise, como um conjunto de enunciados, apresentado por meio de uma espessura material (FOUCAULT, 2008), uma vez que as músicas fazem parte do cotidiano da escola e se configuram como instrumento pedagógico docente. Nesse sentido, analisaremos as cantigas populares: “Minhoca”, “O cravo brigou com a rosa” e “Pombinha branca”.

Por se tratar de canções do repertório popular, que atuam como “(re)produtoras de algo que não é individual, mas que foi criado na coletividade, por ela aceito e transformado em conhecimento compartilhado por várias gerações” (LARA, 2008, p. 15), não encontramos a autoria das canções, nem tampouco sua condição primeira de aparecimento, pois são canções que se modificam de acordo com cada característica regional e pelo cantar de quem a reproduz.

METODOLOGIA

Ao recorrer aos estudos discursivos foucaultianos, mobilizamos conceitos e ferramentas para analisar o discurso presente nas canções infantis, constituídas como série enunciativa, presente nas músicas utilizadas como recurso pedagógico para atividades rítmicas e expressivas nas aulas de educação física. Tal recurso teórico-metodológico nos estimula a identificar os relacionamentos que caracterizam determinada prática discursiva (NAVARRO, 2020).

As pesquisas que se interessam pela análise de práticas discursivas estão “respaldadas por um movimento de incursão no interior do conjunto de trabalhos de Michel Foucault”, uma vez que somos conduzidos/as pela “[...] arqueologia passando

pelas relações de poder, até adentrar o campo da estética da existência. Sem perder de vista a descrição do discurso com valor de acontecimentos no interior dos diferentes jogos de poder-saber” (NAVARRO, 2020, p. 31).

Logo, procuramos entender como aparece determinado discurso nas canções infantis, se ocorre objetificação do corpo da criança e como o discurso presente nas músicas impactam na educação física infantil. Para tanto, foi necessário “isolar a instância do conhecimento para relacioná-lo a outros enunciados” para, depois “recortar uma série enunciativa para verificar as relações entre os elementos dessa série e o modo como ela significa, constrói, produz saberes sobre o acontecimento” e, por fim, descrever as posições-sujeito “constituídas pelo acontecimento interrogando a inscrição dele na superfície dos corpos” (NAVARRO, 2020, p.17).

Desse modo, recorreremos ao dispositivo, como ferramenta de análise que, segundo Tortola (2022, p. 25), é o que “produz o discurso, um mecanismo que faz falar, produz saber e instaura outra racionalidade a partir de algo que foi dito ou se encontra nos microacontecimentos”. O dispositivo é um conjunto de mecanismos de poder. O poder produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. (FOUCAULT, 1987, p. 172). Logo, o dispositivo faz a maquinaria do poder funcionar por meio do discurso.

Além disso, analisamos a constituição das posições-sujeito no discurso, como descentralizado, disperso e historicamente construído, constituído pelo saber e pelo poder (FOUCAULT, 2008). Dessa forma a constituição do sujeito se entrelaça com a posição social que ele ocupa.

A reflexão acerca do corpo da criança na educação física, seu lugar na sociedade e sua objetificação, além da utilização da música como recurso pedagógico, orientará a análise empreendida, respaldada pelos estudos discursivos foucaultianos e referenciais sobre o corpo, infância e música, de modo a compor o arcabouço teórico-metodológico desse estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde a infância, seja na escola ou outros espaços sociais, somos condicionados sobre a maneira correta que nosso corpo deve se portar. Para Goellner (2013, p. 84), “o corpo não é apenas um corpo, é também o seu entorno”, com infinitas

possibilidades de descobertas, e a escola é um dos lugares onde o corpo se descobre e se desenvolve na infância. Entretanto, a escola pode ser, também, um espaço de domesticação e aprisionamento do corpo que funciona como causa dos agenciamentos concretos.

Para Foucault (1987, p. 127) “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe [...]. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”. Tal corpo, segundo o autor, é o modelo desejado para a infância, pois ele é fácil de ser manipulado e tão logo, estará a serviço de todo um sistema que já o prepara para dominá-lo.

Le Breton (2007 p. 28) explica que a condição corporal é “um fenômeno social e cultural”, logo, cada corpo apresenta particularidades e singularidades que devem ser compreendidas e respeitadas por parte daquele/a que se dispõe a trazer propostas para o desenvolvimento integral das crianças, que só ocorre mediante a percepção de que, para o corpo de uma criança, o movimento é tão necessário quanto o ar que respiramos, a criança necessita de ação.

A infância, como categoria social e de estatuto próprio (SARMENTO, 2004), requer um olhar para a produção cultural voltada à criança, como recurso pedagógico que constroi formas de socialização, comportamentos e modos de subjetivação. Sua utilização é uma das formas de agenciamento dos corpos na escola, e um desses recursos é a música que, para Tortola (2022, p. 68), é um conhecimento que apresenta enunciações acerca dos nossos corpos, constitutiva “de uma cultura que se faz pela necessidade humana de manifestar desejos, contestações e angústias”.

Tortola (2022, p. 67) ainda explica que a música “pode ser entendida por meio do aparato analítico foucaultiano como lugar de confissão, lugar onde artistas podiam dizer, expressar sentimentos, exercer poder de enunciação, funcionando como um dispositivo de poder”. Nesse sentido, entendemos que a música pode ser esse lugar em que o corpo aparece, objetivado de diferentes formas e atravessado pelas relações de poder que permeiam nossa sociedade.

Potente ferramenta pedagógica, a música “brinca com o culto e com o inculto, com a erudição e com o popularesco, numa dimensão ético-estética que não se contenta com o dado e o imposto, mas que se reveste do novo a cada interdição do patriarcado” (TORTOLA, 2022, p. 68). Logo, consideramos profícua sua problematização na

educação infantil como forma de provocar o estranhamento dos enunciados que dociliza corpos, constituindo uma outra racionalidade, transgressora e empoderadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das cantigas de roda às brincadeiras cantadas, a utilização da música como recurso pedagógico é inerente à atuação docente na educação infantil, especialmente na educação física. Lara, Pimentel e Ribeiro (2005) sinalizam que na escola precisamos ter cautela no uso de músicas, notadamente, as que passam pelo processo mercadológico. É preciso prestar atenção nas letras das músicas, conforme assegura Tortola (2022). E, nesse exercício analítico, elegemos, como materialidade, a série enunciativa composta pelas canções: “O cravo brigou com a rosa”; “Minhoca”; e “Pombinha Branca”,

A primeira canção analisada foi “O cravo brigou com a rosa”, que apresenta a seguinte sequência enunciativa: *O cravo brigou com a rosa/Debaixo de uma sacada/O cravo saiu ferido/E a rosa despedaçada/O cravo ficou doente/E a rosa foi visitar/O cravo teve um desmaio/E a rosa pôs-se a chorar*. Nessa música, o cravo ocupa a posição-sujeito menino, enquanto a rosa ocupa a posição-sujeito menina, demarcada linguisticamente pelos artigos “o” e “a” que antecedem “cravo” e “rosa”. A língua portuguesa é sexista e, de acordo com Moura (2021, p. 150), o machismo “vaza na língua e nas práticas discursivas”.

Nessa canção, o dispositivo machista aciona o discurso de agressão do cravo que briga com a rosa, e ela ainda o visita em casa após a agressão, demarcando sua posição de cuidadora. No imaginário infantil, ao cantar essa canção, a criança assume a posição-sujeito menino e reproduz o sexismo, muitas vezes caracterizado nas práticas corporais desenvolvidas na escola. Segundo Altmann (2015, p. 35), as “desigualdades de gênero” presentes na escola, “ainda educam de formas distintas corpos de meninas e meninos”. A autora ainda explica que meninas e meninos, não apenas são colocados/as “em oposição, competindo entre si”, mas se constrói uma barreira entre ambos (ALTMANN, 2015, p. 38).

Na canção “Minhoca”, o dispositivo machista é o que aciona o discurso, conforme veremos na letra: *Minhoca, minhoca/Me dá uma beijoca/Não dou, não dou/Então eu vou roubar/Minhoco, minhoco/Você é mesmo louco/Beijou do lado*

errado/A boca é do outro lado. Na posição-sujeito menino, o “minhoco” rouba o beijo da “minhoca”, em um ato de assédio e atitude machista.

Alertado pela “Minhoca” que o “Minhoco” “beijou do lado errado”, pois “a boca é do outro lado”, fica claro que ele não só desacatou a negativa da “Minhoca” como também, ao errar o lado, fica subentendido que o “Minhoco” beijou as nádegas da “Minhoca”, caracterizando o aspecto lúdico da música, “metáforas eróticas”, e o “dizer de outra forma aquilo que se quer enunciar” (TORTOLA, 2022, p. 125). É o discurso machista e de violência contra a menina, objetivada na figura da “Minhoca”.

Acionado pelo dispositivo machista, de branqueamento e de aliança, o discurso da cantiga “Pombinha Branca”, é conhecida e utilizada como atividade de roda nas aulas de educação física, mas demonstra a emergência de uma proposta educacional voltada à promoção do respeito a todos/as, independente de gênero, raça ou cor:

Pombinha Branca, que está fazendo?/Lavando roupa pro casamento/Vou me lavar, vou me trocar/Vou na janela pra namorar/Passou um moço, de terno branco/E chapéu de lado, meu namorado/Mandei entrar, mandei sentar/ Cuspiu no chão/Limpa aí seu porcalhão/Tenha mais educação/Limpa aí seu porcalhão/Tenha mais educação.

A ênfase que a palavra “branca” recebe ao fazer descrição da “Pombinha”, a coloca na posição-sujeito de menina branca. Segundo Tortola (2022, p. 97), “o branqueamento é um dispositivo de poder que naturaliza os enunciados que revelam a superioridade da pessoa branca” e, no trecho “lavando roupa pro casamento”, a “Pombinha” assume a posição-sujeito de uma mulher que está à espera de seu noivo e próxima de viver o rito do casamento, como referencial de uma sociedade que concebe a mulher como quem deve se manter pura e casta à espera do marido, assumindo assim o “dispositivo da aliança: sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens” (FOUCAULT, 1999, p. 99).

A criança, quando gestualiza a narrativa da música, fantasia e imagina as palavras cantadas, sem reconhecer o machismo e o sexismo implícito nos versos. Aos/às educadores/as cabe refletir como tratar metodologicamente dessa manifestação, considerando suas possibilidades e suas contradições (Lara, Pimentel e Ribeiro (2005, p. 3). Logo, se pretendemos uma educação não machista e sexista nas escolas, tais canções precisam ser trabalhadas por meio de uma reflexão crítica.

Tortola (2022, p. 197) orienta que o recurso a "experiência dançante, auditiva e recitativa das canções" pode "suscitar o reconhecimento dos modos de sujeição pelo qual as mulheres estão submetidas, assim como seus movimentos de resistência". É nesse caminho que defendemos a educação sexual nas escolas, como forma de refletir as atividades que desenvolvemos com as crianças, especialmente aquelas que envolvem o recurso musical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar canções infantis utilizadas em aulas de educação física identificamos que o discurso objetiva o corpo de meninas e meninos a partir de diferentes dispositivos de poder, quais sejam, dispositivo machista, de branqueamento e de aliança, reproduzindo o machismo e o racismo estrutural e as demarcações de papéis de gênero, notadamente, sexistas, nas figuras do cravo, da rosa, da minhoca, do minhoco e da pombinha.

Refletir acerca dessas canções pode desconstruir padrões generificados de gênero. Experiências formativas por meio da dança e de exercícios de escuta e reflexão das músicas oportunizam a desconstrução desses padrões, como forma de oportunizar o estranhamento às formas de controle e regulação de seus corpos.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo, SP: Cortez, 2015.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LARA, L. M.; PIMENTEL, G. G. A.; RIBEIRO, D. M. D. B. Brincadeiras cantadas: educação e ludicidade na cultura do corpo. **Lecturas**. Educación Física y Deportes. Buenos Aires, nº 81, 2005. <https://efdeportes.com/efd81/brincad.htm>. Acesso em: 25 jun. 2022.

LARA, L. M. **Dança da cultura popular brasileira**: dimensões pedagógicas. Maringá: Eduem, 2008.

LE BRETON, D. 1953 **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

MOURA, J. R. F. Língua(gem) e gênero neutro: uma perspectiva discursiva no português brasileiro. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 24, n. 47, p. 146-163, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8660785/27348>. Acesso em: 25 jun. 2022.

NAVARRO, P. Estudos discursivos foucaultianos: questão de método para análise de discursos. **Revista Moara**, ed. 57, v. 1, p. 8-33, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682/6672>. Acesso em: 2 jul. 2022.

SARMENTO, M. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. **Crianças e miúdos**: Perspectivas sociopedagógicas sobre a infância e educação. Vila Nova de Gaia: Edições ASA; 2004.

TORTOLA, E. R. C. **O corpo das mulheres em Chiquinha Gonzaga**: entre regularidades rupturas e discursos de resistência. Maringá, PR: Eduem, 2022.